



O "MoMa" de Nova York mostra exposição *vintage* de Miguel Rio Branco

Miguel Rio Branco mora na Bahia produzindo filmes e fotografias no início dos anos 1970, quando fez uma pausa para morar em Nova York. Continuou trabalhando de olho na singular cena urbana da cidade de uma maneira tão genial que agora o "Museum of Modern Art", ou o "MoMa", considerado um dos mais importantes museus de arte moderna do mundo,

resolveu voltar a expor o material. A preciosidade *vintage* está na exposição "Quatro Fotógrafos, Quatro Lugares" com visões de quatro fotografias sobre quatro regiões, entre as décadas de 1940 e 1970.

Junto com as imagens de Nova York, feitas por Miguel Rio Branco, estão cenas do México, feitas por Graciela Iturbide; do Japão, por Daido

Moriyama, e de Garry Winogrand, que mesmo sendo nova-iorquino captou a pompa e o esplendor do Texas. Miguel Rio Branco nasceu nas Ilhas Canárias, com ascendência brasileira, e produziu trabalhos de repercussão internacional, incluindo a série "Maciel" no *bas-fond* histórico de Salvador que hoje é um clássico da fotografia urbana mundial.

Miguel Rio Branco no "MoMa"



Com talento e violino *Stradivarius*, Lorenz faz a ponte entre São Petersburgo e Trancoso

Quem cumpre uma agenda singular na elite da música erudita mundial antes de retornar à Bahia e participar da abertura do "Música em Trancoso", no Sul da Bahia, dia 14 de março, é o violinista romeno Lorenz Nasturica-Herschcowici. Falta pouco mais de um mês, estando portanto na fase de ensaios, para ele comandar o grupo "Mariinsky Stradivarius Ensemble" para o "Concerto de Natal" do fabuloso "Teatro Mariinski", em São Petersburgo, na Rússia, dia 20 de dezembro.

Não é pouca coisa. São Petersburgo era a capital imperial da Rússia quando o teatro, em estilo neo bizantino, foi construído para os russos humilharem culturalmente o mundo. E tem mais, segundo a coluna pesquisou e traduziu o programa para o português, na apresentação, Lorenz é o *spalla* do grupo musical, ou seja, o violino principal. Depois de São Petersburgo ele tem concerto em janeiro na Alemanha. Na Bahia, Lorenz se apresenta na execução do hino nacional brasileiro e usa o famoso e raro violino Antonio Stradivari, "Rodewald", produzido em 1713.



Lorenz Nasturica-Herschcowici e o seu violino

Barco chique, com capota e para-brisa, em passeios na Riviera do Descobrimento



O barco que parece um iate

André Zanonato

Mesmo enquanto passeia por Hollywood, como faz nesta temporada, o gaúcho André Zanonato não descuidou de sua charmosa "Etnia Casa Hotel", a pousada boutique que ele comanda em Trancoso, no Sul da Bahia. Pelo menos foi no meio de um passeio pelo concorrido "Observatório Griffith", um dos planetários mais visitados dos Estados Unidos, que ele postou nas redes sociais o lembrete sobre a novidade do serviço de *concierge* da pousada.

É um charmoso barco, podre de chique, com capota e para-brisas, para levar

os hóspedes em passeio pela Riviera do Descobrimento, a faixa de balneários na região de Porto Seguro. "São tantas praias à dis-

posição que o hóspede só tem o trabalho de escolher um destino", avaliou Zanonato no aplicativo "Instagram".

Fátima Suarez



Fátima Suarez faz Salvador cumprir seu ideal da dança sem limite e da arte sem tabu

Entre um momento de vanguarda e outro, com nada menos que vinte eventos para agitar a décima primeira edição da "Jornada de Dança da Bahia", a coreógrafa e dançarina Fátima Suarez faz Salvador resgatar o papel de centro de arte que se perdeu pelo tempo. Ela é a criadora e curadora da agenda que começa na quinta-feira, 14, em vários espaços da cidade.

A programação dos onze espetáculos centrais inicia com sessão dupla na "Sala do Coro" do Teatro Castro

Alves. Morena Nascimento, artista com produção dividida entre a Bahia e Minas Gerais, é a primeira dançarina a subir no palco. O "Pachamariaharmorena" é o nome singular para uma tentativa da artista se dispor nua com a sua dança. "Evoca a complexidades de uma realidade atual que a coloca à flor de seus sentidos" explica o roteiro. Depois, em "Planta do Pé", Maria Eugenia Tita, de São Paulo, demonstra danças de seu repertório construído em doze anos de trabalhos.

Escritoras negras movimentam discussões sobre identidade na Flin

Mulheres que trafegam nas bordas da literatura tradicional, por escritas que acionam heroínas negras da história do Brasil, afetividades mono raciais e não-heterossexuais. Jarid Arraes (CE), Ryane Leão (MT), Lívia Natália (BA) e Amara Moira (SP) são algumas destas, que complexificam o debate contemporâneo sobre literatura, e estarão nas mesas do dia 14 de novembro, no Festival Literário Nacional (Flin): Diversas Leituras & Novos Caminhos. O I Festival Literário Nacional - FLIN acontece de 12 a 15 de novembro (terça-feira até sexta-feira), a partir das 8h30min, no Ginásio Poliesportivo de Cajazeira (Estr. do Coqueiro Grande, 127 - Fazenda Grande 2). Aberto ao público.

Pela manhã, na mesa "Intervenções femininas: o meu lugar nas periferias do mundo", Jarid Arraes (CE) e Paloma Franca Amorim (PA) levam referências de escri-

toras jovens do Norte-Nordeste e dinâmicas do mercado editorial na integração de escritores dissidentes. À tarde, a mesa "Linhas de afeto na zona de batalha zefirina"; com as autoras Lívia Natália (BA) e Ryane Leão (MT), fala de poesia negra e afetividade.

A autora e professora, Lívia Natália, conta que o primeiro romance brasileiro foi escrito por uma mulher negra, a Maria Firmina, e que em toda tradição literária mulheres negras seguiram escrevendo. "Nós estamos na contemporaneidade seguindo a herança deixada para nós pelas mais velhas. Somos as vozes que ecoam as suas palavras, atualizando o que é ser mulher negra em um contexto político, social e cultural que não reconhece a nossa humanidade".

À noite, a esfera da sexualidade aparece como impulso criativo e remodelador do que se tem por literatura erótica, com o tema

"Fronteiras do corpo, reconfigurações da alma", com Amara Moira (SP), transfeminista, doutora em Crítica Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autora do livro *Se eu Fosse Puta*, e Regina Navarro Lins (SP/BA), psicóloga, autora em sexualidade e colaboradora do programa Amor e Sexo, da Rede Globo. As escritoras falam do interesse geral do público quando o assunto é sexo e como ele pode ser mais diverso em termos de gênero e sexualidade.

O campo da literatura contemporânea, ainda que mais aberto e em expansão, coloca muitos desafios às mulheres. Na Academia Brasileira de Letras, por exemplo, dos 40 membros, apenas cinco são mulheres, nenhuma delas negra. A passos lentos, elas vêm conquistando espaços literários, menções e homenagens em festas literárias. No Flin, as mulheres são mais de 50% da programação.

Em Tempo

Alex Ferraz

alexferraz10@gmail.com

BOMBAS

Vira e mexe, e lá vem notícia de lancha explodindo, pegando fogo. Fico a imaginar qual o risco inerente a esse veículo para acontecer tanto acidente desse tipo? Se fosse avião, já teria havido uma carnificina. Já não é tempo de os fabricantes oferecerem mais segurança? Ou a Marinha exigir mais dos que pilotam e fazem a manutenção?

Sobre requalificação e respeito à imagem histórica da primeira capital brasileira

Em 2008, quando era prefeito João Henrique, o compositor, intelectual e baiano da gema Caetano Veloso retornava de temporada na Europa e, ao pisar em solo soteropolitano, foi enfático na crítica à extinção da calçada de pedras portuguesas na Barra, para "modernização".

Tratava-se da praia mais famosa da Bahia, eleita a terceira melhor do mundo pelo jornal inglês The

Guardian.

Numa reforma abrupta, embora autorizada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o prefeito mandou pôr granito e concreto na calçada da Barra. À noite, seis amendoeiras foram arrancadas, a pretexto de iniciar as obras de "revitalização".

João Henrique deixou a prefeitura e veio o atual prefeito, com imensa sede de

"requalificação", executando projetos que simplesmente descaracterizaram uma paisagem urbana histórica, e como tal vendida há décadas pelo mundo nas campanhas para atrair turistas.

Assim, de repente, aquilo que um europeu, japonês ou americano vê nos folders mostrando a clássica arquitetura da primeira capital do Brasil, não existe mais. Um espanto!

Ainda sobre "requalificação" (I)

A vulgaridade dos projetos de requalificação tem sido espantosa.

Não existe a menor preocupação em manter desenhos e arquitetura original.

Simplesmente são banidos os elementos visuais históricos, e tudo vira uma massa anônima de concreto.

Ainda sobre "requalificação" (II)

É o que acaba de acontecer com o entorno da clássica colina do Bonfim.

Ficou limpo, esterilizado, porém sem alma. Será muito difícil entender isso?

Manter tradição é a chave

A cidade, primeira capital do país (repito), não pode virar um grande shopping center. Para isso existem os espaços estereis na expansão natural.

Mas a ALMA da cidade, sua história, suas características arquitetônicas, não podem ser "modernizadas".

Mirem-se na Europa,

por exemplo.

As fachadas, ruas, praças etc. de cidades como Roma, Paris, Budapeste, Barcelona não são "modernizadas". São conservadas, impecavelmente, nos exatos padrões de SÉCULOS atrás.

E é por isso que vale a pena visitá-las e se sentir dentro da história.

Respeitem a história

Chega dessa baboseira de desdenhar daquilo que faz a cidade ter personalidade. Guardem o concreto e os brilhantes pisos de granito para a cafonice da "nova" Salvador.



ESCRITORA
Jarid Arraes